



Estudos de Psicologia

ISSN: 1413-294X

revpsi@cchla.ufrn.br

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Brasil

Oliveira Borges, Livia de

A Psicologia do Trabalho e das Organizações no Brasil floresce?

Estudos de Psicologia, vol. 15, núm. 3, septiembre-diciembre, 2010, pp. 277-279

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Natal, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26119146005>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

 redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## A Psicologia do Trabalho e das Organizações no Brasil floresce?

**Livia de Oliveira Borges**

Universidade Federal de Minas Gerais

A Psicologia do Trabalho e das Organizações é um campo de conhecimento e de atuação profissional que historicamente tem sido motivo de muitas polêmicas no Brasil, seja por razões ideológicas, seja por razões teórico-metodológicas. Apresenta, também, um crescimento com descontinuidades, tanto em termos da produção de conhecimento quanto em termos dos investimentos dos psicólogos na sua formação. Os relatos sobre história da Psicologia no Brasil (por exemplo, Bastos, 1990; Pessotti, 1988; Zanelli & Bastos, 2004) desde a primeira metade do século XX, passando pelo processo da regulamentação da profissão na década de 1960, incluem fatos, eventos e conteúdos que mencionam a Psicologia do Trabalho e das Organizações. Mas, houve momentos em que a produção na área e os investimentos na formação quase desapareceram. Nas décadas de 1970 e 1980, esse campo de conhecimento e de atuação profissional, aos olhos de muitos (por exemplo, Codo, 1984; Moura, 1988), representava compromissos com setores ideologicamente muito conservadores e/ou a aliança da Psicologia com a manutenção do *status quo*, como se houvesse homogeneidade de visões de mundo entre aqueles implicados com um campo do saber e de atuação profissional. Esse modo de ver, entre outras razões, afastou profissionais e pesquisadores. As publicações em tal período eram raras e, nos cursos de graduação em todo o país, usavam-se repetidamente uns poucos livros, que eram traduções de publicações de autores de outros países. Além da limitação de referências, o campo sofria produzindo poucos conhecimentos contextualizados para a realidade nacional e a comunidade de pesquisadores era restrita (Bastos, 2003). O mercado de trabalho, entretanto, nunca deixou de demandar a atuação desse profissional de Psicologia, embora tal demanda pudesse ser maior, se a própria Psicologia o valorizasse mais. No final da década de 1980, pesquisa sobre o psicólogo (Borges-Andrade, 1990) revelou que aqueles que atuavam no campo da Psicologia do Trabalho e das Organizações eram os que mais desejavam mudar de área, concluindo-se, daí, que parecia haver um problema de identificação com o campo.

Entretanto, é, certamente, do final da década de 1980 até os dias atuais o período de maior florescimento deste campo (Borges-Andrade & Pagotto, 2010; Borges-Andrade & Zanelli, 2004; Tonetto, Amazarray, Koller, & Gomes (2008). Esse florescimento pode ser visualizado a partir de vários marcos históricos recentes, dentre os quais se destaca aqui: a multiplicação de suas linhas de pesquisa na pós-graduação *stricto sensu* no país e o aumento gradual do número de pesquisadores distribuídos em várias universidades brasileiras dedicados a tais linhas; a fundação em 2001 da SBPOT (Sociedade Brasileira de

Psicologia do Trabalho e das Organizações) e, a partir de 2004, de um congresso científico bianual (CBPOT) que já viveu sua quarta edição; a criação, em 1993, da ABOP (Associação Brasileira de Orientação profissional); o surgimento de três revistas científicas especializadas no campo – a Revista de Psicologia Organizacional e do Trabalho (rPOT), mantida pela SBPOT, a Revista Psicologia Social do Trabalho, mantida pela USP (Universidade de São Paulo), e a Revista Brasileira de Orientação Profissional, mantida pela ABOP –; o aumento do número de grupos de trabalho focalizando este campo, no principal evento organizado regularmente pela ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia); a convivência de várias abordagens teórico-metodológicas; e o crescimento paulatino da qualificação daqueles que atuam no campo.

Tal florescimento não emerge abandonando a tendência à polêmica, característica própria do campo. Assim, esta ocorre em um contínuo processo de questionamento crítico de modo que, paradoxalmente ao visível florescimento, o ano de 2010 foi palco do desabrochar das dúvidas sobre a realidade e natureza do campo: é mesmo um campo do saber? Qual seu objeto principal? O que lhe torna uno? Que divergências persistem? A quem seus profissionais servem? Tais questionamentos básicos e profundos atravessam e ultrapassam a discussão epistemológica sobre o campo, adentrando pelas visões de mundo de cada pesquisador e de cada profissional. Tais questionamentos aqueceram, durante o ano, a organização de eventos e da natureza das atividades neles desenvolvidas, e o lançamento de livros. As respostas e posições teóricas e ideológicas sobre essas questões variam entre muitos segmentos de pesquisadores e profissionais. Esse editorial não tentará abranger a diversidade dessas respostas, apenas quer situar o contexto em que esse dossiê foi preparado. O pequeno conjunto de artigos que reúne não é, obviamente, representativo da multiplicidade paradigmática e temática do campo. Mas, certamente, é um bom exemplo do processo de florescimento descrito alhures.

Não houve, sem dúvida, tentativa dos autores em responder às citadas questões, mas o seu primeiro artigo, intitulado *Paradigmas, eixos temáticos e tensões na PTO no Brasil*, na voz dos autores Pedro F. Bendassolli (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), Jairo Eduardo Borges-Andrade (Universidade de Brasília) e Sigmar Malvezzi (Universidade de São Paulo), representa uma tentativa de classificar as diversas perspectivas de análise predominantes no campo da Psicologia do Trabalho e das Organizações, buscando critérios claros e epistêmicos que permitam diferenciar com clareza os pesquisadores e profissionais do campo. Como toda classificação, representa,

também, um risco, pois nunca é suficientemente abrangente nem sensível a todas as diferenças. Justamente por isso, alimenta-se a expectativa que o referido artigo não simbolize simplesmente uma resposta àquelas questões aqui referidas, mas, que alimente a discussão oferecendo critérios epistêmicos para a compreensão do campo. Tão paradoxalmente quanto o surgimento dos questionamentos, o artigo pode ser visto também como um mapeamento parcial do florescimento da área.

O segundo artigo, intitulado *Panorama das pesquisas em educação a distância no Brasil* ilustra a atenção de suas autoras, Gardênia da Silva Abbad (Universidade de Brasília), Thaís Zerbini (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto) e Daniela Borges Lima de Souza (Universidade de Brasília) por um tema, que, apesar de muito bem situado no campo da Psicologia do Trabalho e das Organizações, focaliza assunto emergente não só na Psicologia, mas na sociedade, em decorrência da necessidade de se construir inovadores caminhos de educação para o trabalho, democratizando o acesso à qualificação e respondendo às demandas do mercado de trabalho brasileiro cujas vagas geradas nem sempre são ocupadas por pessoal adequadamente qualificado. Além disso, o artigo ilustra, também, a capacidade de pesquisadores brasileiros apontarem caminhos e desenvolverem agendas de pesquisas relevantes para a realidade brasileira.

No terceiro artigo, *Intenção de permanência na organização: um constituinte ou consequente do comprometimento organizacional?*, os autores da Universidade Federal da Bahia, Antonio Virgilio B. Bastos e Igor Gomes Menezes, relatam pesquisa inovadora que realizaram abordando temas que já contam com uma produção de conhecimento volumosa, tanto no cenário internacional como nacional. Por isso mesmo, a ousadia dos autores é visível na sofisticação metodológica. Além disso, contribuem para resgatar um velho tema do campo da Psicologia do Trabalho e das Organizações, o *turnover*, o qual foi ressignificado no cenário brasileiro por se viver um dos raros períodos históricos em que o mercado de trabalho se aproxima da situação do pleno emprego. As organizações brasileiras vivenciam a novidade de enfrentar o desafio de precisar desenvolver meios para atrair e manter o seu pessoal.

O mercado de trabalho brasileiro tem efetivamente se modificado, de modo que, entre suas novidades estão diferentes tipos de oportunidades. Isso não significa que o problema do desemprego deixou de rondar a vida de todos brasileiros. Segue sim sendo um desafio difícil de ser enfrentado por muitos. Assim, no quarto artigo, *Atribuições de razões de desemprego e valores: um estudo que compara empregados e desempregados*, seus autores – quatro da Universidade Federal da Bahia (Sonia Guedes Gondim, André Figueiredo Luna, Thiago Santana Souza Oliveira e Graceane Coelho Souza) e um da *Universidad Complutense de Madrid* (José Luis Álvaro Estramiana) – problematizam processos psicosociais vivenciados por pessoas desempregadas. O artigo, entre outros aspectos, oferece contribuição importante para a reflexão de pontos a serem focalizados no suporte social e na formação a serem aportados às pessoas tendo em vista sua inserção ou reinserção no mercado de trabalho.

No quinto artigo do presente dossiê, *Fatores de risco do tecnoestresse em trabalhadores que utilizam tecnologias de informação e comunicação*, a autora Mary Sandra Carlotto da

Universidade Luterana do Brasil põe em foco um fenômeno referente à saúde do trabalhador e que tem afligido a população, haja vista que as novidades das tecnologias da informação e comunicação têm um uso que se difunde nos ambientes de trabalho numa velocidade muito maior que a capacidade humana de aprender a lidar com elas de maneira saudável. O artigo contribui com a construção de conhecimento sobre tal fenômeno, identificando fatores de risco, tanto do ambiente de trabalho, quanto entre as vulnerabilidades pessoais. Esse tipo de contribuição é importante, entre outros aspectos, como ponto de partida para o desenvolvimento de estratégias que garantam uma utilização saudável das referidas tecnologias.

Por fim, o artigo *Validação de escala de estratégias de aprendizagem no trabalho entre prefeitos(as) e secretários(as) municipais*, cujos autores vinculam-se à Universidade de Brasília – Valéria Vieira de Moraes e Jairo Eduardo Borges-Andrade – relatam uma pesquisa que, além dos aspectos ali tratados, revela que o campo segue florescendo na interface com o campo da Avaliação Psicológica, criando e adaptando instrumentos psicológicos para dar conta de maneira contextualizada das atuais demandas da Psicologia do Trabalho e das Organizações. Os autores ousam, também focalizando um segmento político e muito ausente nas pesquisas do campo.

Além dos artigos, o dossiê abrange uma resenha de livro recém-publicado, o que pode funcionar como uma antena que apoie pesquisadores e profissionais na busca de permanente atualização, chamando atenção para obra inovadora e de qualidade.

Como já comentado, o retrato aqui apresentado não pode ser considerado como representativo do campo, entretanto, ao analisar cada artigo separadamente, algumas características desse conjunto merecem ser destacadas, pois que são ilustrações de qualidade não só do florescimento do campo que se vinha assinalando, mas, também, refletem seu amadurecimento gradual. Lembremos, então, que, há quase uma década, em 2002, a revista *Estudos de Psicologia* (Natal) publicou um fascículo especial dedicado ao campo da Psicologia do Trabalho e das Organizações, focalizando principalmente seus desafios teórico-metodológicos (Borges-Andrade & Zanelli, 2001). Aquele número contou com oito artigos, sendo que cinco possuíam autoria individual e apenas três foram elaborados em parceria entre pesquisadores de uma mesma universidade. No presente dossiê, apenas um artigo é de autoria individual enquanto que os demais são de autoria de grupos de pesquisadores. A produção em grupo, por si, pode ser um indicador de amadurecimento da pesquisa, pois a formação de grupo pode implicar uma maior longevidade das linhas de pesquisa, formação mais continuada e crescimento mais regular. Mas, a composição dos grupos de autores revela mais que isso: três dos artigos publicados foram fruto de parceria estabelecidas entre pesquisadores de mais de uma universidade e um envolveu uma universidade estrangeira. Tal fenômeno pode ser reflexo da constituição de redes de pesquisa no país (Neiva & Corradi, 2008), fato que corrobora a evolução do campo descrita em revisões recentes (Borges-Andrade & Pagotto, 2010; Tonetto et al., 2008).

Outro aspecto que merece ser sublinhado, retomando os questionamentos já mencionados é que cada um dos artigos tem

sentido e relevância, tanto no contexto científico, quanto da vida cotidiana, se é suposto ser o trabalho uma categoria estruturante da vida das pessoas; pressuposto esse que certamente funda o campo do saber. Nem todos os artigos, entretanto, problematizam no contexto organizacional, mas quatro o fazem. Apontam, portanto, na direção de que as organizações seguem sendo um importante contexto de estudo, o que torna admissível, por si, que constituam outra categoria fundante do campo.

Por fim, é importante registrar que por trás de tal florescimento e do surgimento de redes de pesquisadores estão ações institucionais de associações científicas como a SBPOT (já citada) e a ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia), bem como o avanço da pós-graduação no país e as políticas de fomento à pesquisa aplicadas pelos órgãos governamentais especializados nas esferas federal e estadual (Borges-Andrade & Pagotto, 2010). Sobre o suporte da ANPEPP é pertinente assinalar que aquele número especial da revista *Estudos de Psicologia* (2002) resultou do esforço reflexivo de um de seus Grupos de Trabalho (GT). O presente dossiê foi articulado pelo mesmo GT, porém de forma mais aberta, envolvendo também pesquisadores que não o compõe.

Registra-se, por fim, o desejo de que o campo da Psicologia do Trabalho e das Organizações siga traçando sua trajetória de forma que seu florescimento não seja apenas uma primavera, mas que se consolide por todas as estações, tornando-se duradoura. Espera-se também que não se perca o gosto pela discussão, mas que esse seja bem vivido, mantendo-se o respeito e inclusão de todas as tendências e abordagens, as quais colorem e enriquecem o referido campo. Atribui-se, por fim, a este dossiê, o papel de ser um dos componentes que ilustram e/ou demonstram o tal florescimento em sua concretude.

## Referências

- Bastos, A. V. B., & Galvão-Martins, A. H. C. (1990). O que fazer o psicólogo organizacional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 1, 10-18.
- Bastos, A. V. B. (2003). Psicologia organizacional e do trabalho: que respostas estamos dando aos desafios contemporâneos da sociedade brasileira. In O. H. Yamamoto, & V. V. Gouveia (Orgs.), *Construindo a psicologia brasileira: desafios da ciência e prática psicológica* (pp. 139-166). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Borges-Andrade, J. E. (1990). A avaliação da profissão, segundo os psicólogos da área organizacional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 1, 19-23.
- Borges-Andrade, J. E., & Pagotto, C. P. (2010). O estado da arte e da pesquisa brasileira em Psicologia do Trabalho e das Organizações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(especial), 37-50.
- Borges-Andrade, J. E., & Zanelli, J. C. (2001). Desafios metodológicos da pesquisa em psicologia organizacional e do trabalho [Número especial]. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 7, 53-63.
- Borges-Andrade, J. E., & Zanelli, J. C. (2004). Psicologia e produção do conhecimento em organizações de trabalho. In J. C. Zanelli, J. E. Borges-Andrade, & A. V. B. Bastos (Orgs.), *Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil* (pp. 492-517). Porto Alegre: Artmed.
- Codo, W. (1984). Relações de trabalho e transformação social. In S. Lane, & W. Codo (Orgs.), *Psicologia Social: o homem em movimento* (pp. 136-51). São Paulo: Brasiliense.
- Moura, G. A. P. (1988). O ensino da psicologia organizacional: uma reflexão. *Revista de Psicologia*, 6(1), 31-52.
- Neiva, E. R., & Corradi, A. A. (2008). As redes sociais de pesquisadores no Brasil: uma visão geral dos intercâmbios realizados, dos atores envolvidos e da divisão no território nacional [Resumo]. In: Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *Anais da XXXVIII Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia. Resumos*. Uberlândia. Ribeirão Preto: Autor.
- Pessotti, I. (1988). Notas para uma história da psicologia brasileira. In Conselho Federal de Psicologia (Org.), *Quem é o psicólogo brasileiro?* (pp. 17-31). São Paulo: EDICON.
- Tonetto, A. M., Amazarray, M. R., Koller, S. H., & Gomes, W. B. (2008). Psicologia organizacional e do trabalho no Brasil: desenvolvimento científico e contemporâneo. *Psicologia & Sociedade*, 20(2), 165-173.
- Zanelli, J. C., & Bastos, A. V. B. (2004). Inserção profissional do psicólogo em organizações e no trabalho. In J. C. Zanelli, J. E. Borges-Andrade, & A. V. B. Bastos (Orgs.), *Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil* (pp. 466-491). Porto Alegre: Artmed.

Livia de Oliveira Borges  
Departamento de Psicologia  
Universidade Federal de Minas Gerais

Endereço para correspondência:  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Departamento de Psicologia, SI. 4001.  
Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha  
Belo Horizonte-MG CEP: 31270-01.